

Um trabalho do Projecto Teatral sobre uma figura ausente: o actor

Há uma figura ausente deste trabalho: o actor. Esse vazio, que é também o do teatro, sublinha essa falta, porque ninguém sabe quando será possível a voz regressar à cena. Um lugar, contudo, está disponível para quem vê, aquele que se move entre dois abismos, à procura de um acontecer sempre adiado. Uma espera diante de um entrançado de luz e de um volume em terra. Não existem palavras, porque os palcos estão povoados de frases, tutelas, distrações. Aqui convida-se a um recolhimento: em certos instantes, o calar é mesmo a melhor forma de se dizer. Nesse intervalo tudo é possível: uma comunidade sem nome, um texto sem corpo, uma troca sem comércio. De um ao outro lado, em volta, imóvel: tantos gestos por cumprir nesse percurso entre vislumbres da morte - a que se prepara em vida, a que se anuncia através de um silêncio vindo do passado.

Neste gesto radical de renúncia ao actor, figura colocada em potência, numa espécie de bartlebiano "preferia não fazer", coloca-se sempre esta questão: de que falamos quando falamos de teatro. É que, tal como acontece hoje com tantas palavras - arte, cultura, política, etc. - , há uma homonímia que afecta a distinção entre uma prática ancorada num diálogo com a tradição e uma actividade absolutamente veiculada ao instante da sua realização, dependente da economia e variantes (publicidade, mercado). Distante desta submissão, o Projecto Teatral tem vindo a apontar para outras formas de activar o exercício de representar: construindo-o em filme, convocando-o através de uma sucessão de momentos - o trabalho "Estufa", realizado entre 2005 e 2007 -, manifestando-o em textos entretanto publicados.

Em 2001, o Projecto Teatral edita um pequeno livro de Samuel Beckett: "imaginação morta imaginem". "Em parte alguma traço de vida, dizem vocês, pah, grande coisa, imaginação não morta, sim, bom, imaginação morta imaginem", diz-nos o início do texto. É desse lugar que nos fala este "vazio do teatro", um gesto entre dois momentos, duas translações, dois

volumes sublinhados por uma ténue luz, de modo a que as sombras se confundam com a aridez da terra e com o pano-cru que anuncia a morte. Tudo acontece nesse espaço entre duas vozes - elas estão lá, sem corpo, sem som, apenas entrevistas numa sequência de que emergem os retratos de Faium, o salto de Yves Klein e o nascimento da tragédia, esse instante em que o actor se quis destacar do comum, interpretando personagens. "vazio do teatro" começa por nos dizer que cada acto pode ser apenas pensamento: uma forma de fazer destinada não só aos presentes, mas também, e sobretudo, à memória dos antepassados, de cada voz contida nesse espaço que se abre no chão. Aqui não há disciplinas, há uma disciplina no dizer o silêncio: daí o rigor com que cada volume é posto no seu actual lugar, criando-se desse modo as condições para uma ausência - em tudo diferente de uma retirada, pois há sempre a expectativa de um regresso, anunciado em cada proposta do Projecto Teatral. Em rigor, esta peça é completada por cada espectador, que se intromete entre as vozes, deixadas na expectativa. Podemos imaginar-nos cobertos por um entrançado ou debaixo da terra: a nossa fragilidade é também a do teatro, desse vazio dito por uma morte, uma ausência, um calar. O "sonho de uma sombra", como nos diz um verso no qual Píndaro descreve aquilo que um homem é.

Óscar Faria

10 de Julho de 2009, *Público*